

Em 1956, foram revelados internacionalmente os crimes de Josef Stálin, o líder da União Soviética que prendeu, torturou e matou milhões de pessoas. Stálin foi uma “contrapartida socialista” do nazista alemão Adolf Hitler. Diante desta realidade, David Bohm desiluiu-se com o comunismo e sofreu uma crise de depressão. Mas recuperou-se.

Em 1957, ao estabelecer-se na Inglaterra, ele estava vivendo um despertar espiritual, e estudava iogues indianos e místicos cristãos. Mais tarde, descobriu com entusiasmo o pensamento do indiano Jiddu Krishnamurti, considerado um santo e um sábio em certos meios teosóficos – supostamente alguém que teria a quarta grande iniciação e estaria a apenas um passo da libertação final.

Dos diálogos de Bohm com Krishnamurti surgiram idéias interessantes na área da confluência da Física com a tradição mística. Mas Bohm ainda teria que passar por mais uma desagradável desilusão. Em 1991, poucos anos depois da morte de Krishnamurti, foi publicado um livro revelando as complicações emocionais daquele “santo” indiano.

Krishnamurti se envolvera durante muitos anos em uma complicada e conflitiva relação amorosa com a esposa do seu amigo e secretário, o sr. Rajagopal, enquanto ao mesmo tempo zelava cuidadosamente pela sua imagem pública de absoluta pureza e santidade. Em segredo, houve disputas e processos judiciais envolvendo dinheiro e a sua imagem pública de “brahmacharia”. Krishnamurti exigiu, como parte de um acordo, que fosse observado total silêncio sobre tais episódios e complicações até depois de sua morte, que ocorreu em 1986.

Em 1991, quando uma biografia escrita pela filha do casal Rajagopal finalmente mostrou as complicações e incoerências de Krishnamurti [2], Bohm não só ficou desiludido e desorientado, mas entrou, mais uma vez, em depressão. No ano seguinte, Bohm morreu, de modo súbito. O fato ocorreu exatamente quinze anos atrás, em 27 de outubro de 1992, enquanto ele trabalhava em suas pesquisas. Momentos antes de morrer, Bohm ligou para sua esposa Sarah, que o ajudara decisivamente nos momentos difíceis. Ele parecia animado. Ele pressentia uma expansão de consciência, e terminou a ligação dizendo: “Sinto que estou no limite de alguma coisa”.

A história de vida de David Bohm constitui, com seus altos e baixos, um exemplo concreto de como todo cidadão intelectualmente honesto, inteligente e capaz de raciocinar filosoficamente deve aceitar duras desilusões como parte da sua busca da verdade. Por isso mesmo – dizem estudantes experientes – é melhor estar preparado. Lições como as que David Bohm e tantos outros têm tido que aprender são motivos para evitar a fabricação de ídolos ou a crença em líderes e instituições “infalíveis”. Tal credulidade é ainda hoje um sério problema no movimento esotérico moderno.

Como ensinava H. P. Blavatsky, não há possibilidade de “pegar uma carona” no caminho espiritual. Toda aprendizagem autêntica é um processo autônomo, no qual é necessário largar nossas ilusões prediletas para descobrir pontos de vista novos e mais amplos. E mesmo estas visões mais amplas da verdade ainda serão parciais, e terão que ser continuamente questionadas no futuro.

NOTAS:

[1] Veja a revista “Globo Ciência”, Ano 7, número 78, de janeiro de 1998, artigo “Os Anos Brasileiros de David Bohm”, pp. 30-34.

[2] “Lives in the Shadow With J. Krishnamurti”, Radha Rajagopal Sloss, Addison-Wesley Publishing Co., 1991, 336 pp.

O Criador de Sherlock Holmes Conan Doyle Estudou Teosofia

O escritor inglês Arthur Conan Doyle (1859-1939), famoso por haver criado o personagem Sherlock Holmes, conheceu pessoalmente o teosofista Alfred P. Sinnett e se interessou pela filosofia teosófica durante um par de anos. Seu erro foi acreditar, não sem ingenuidade, no falso Relatório Hodgson, uma farsa pseudo-investigativa pela qual a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (SPP), de Londres, “condenou” H. P. Blavatsky por fraude, em meados da década de 1880. HPB, uma escritora russa sozinha e descasada em pleno século 19, questionava e ameaçava os dogmas políticos, científicos e religiosos do seu tempo. Parecia melhor atacá-la e desmoralizá-la, como meio de preservar a rotina intelectual e religiosa.

Só cem anos mais tarde, em abril de 1986, a própria Sociedade de Pesquisas Psíquicas fez uma autocrítica e admitiu publicamente que os acusadores de HPB usaram de falsidade e fraude nas acusações contra ela e contra o movimento teosófico. Nos anos 1880, Conan Doyle acreditou na encenação política da Sociedade de Pesquisas, aceitou os ataques contra HPB e deixou de lado a teosofia.

Em seu livro de memórias, o escritor afirma:

“Durante um ou dois anos, interessei-me profundamente pela teosofia, pois, se naquele tempo o espiritismo me parecia caótico, do ponto de vista filosófico, a teosofia propunha um esquema muito bem delineado e lógico, que, em alguns dos seus aspectos – tais como a reencarnação e o carma, principalmente – parece conter uma explicação para as anomalias da vida. Li ‘O Mundo Oculto’, de Sinnett, e depois, com uma admiração ainda maior, a magnífica explicação da teosofia que ele nos dá em ‘O Budismo Esotérico’, um livro dos mais admiráveis. Cheguei a conhecê-lo, pois era um velho amigo do general Drayson, e fiquei impressionado com sua conversa. Pouco depois, contudo, veio à luz o relatório do dr. Hodgson a respeito das atividades da sra. Blavatsky em Adyar, o que abalou seriamente a minha confiança.” [1]

Conan Doyle é autor de uma “História do Espiritismo” e de outros livros sobre doutrina espírita, como “A Nova Revelação” e “A Mensagem Vital”. Seu livro mais interessante, do ponto de vista teosófico, talvez seja “A Cidade Submarina”, um romance de ficção científica publicado no Brasil pela editora Melhoramentos. [2] “A Cidade Submarina” é uma versão fantástica sobre a lenda da destruição de Atlântida, e inclui uma reflexão de bom nível sobre a relação entre a falta de ética e de valores morais e o final das civilizações.

NOTAS:

[1] “Memórias e Aventuras, Autobiografia”, Conan Doyle, Ed. Marco Zero, SP, 328 pp., 1993, ver p. 71.

[2] Título original: “The Maracot Deep”.

Sabedoria em Forma de Versos

Augusto de Lima, o Poeta Filósofo

Os livros do poeta brasileiro Augusto de Lima, que viveu de 1859 a 1934, estão hoje esquecidos. São caras raridades literárias que mal se consegue encontrar neste ou naquele sebo, quando se busca na gigantesca rede de livreiros que é www.estantevirtual.com.br.

Como se pode explicar o “esquecimento” de uma obra poética de tamanha qualidade? Talvez pelo fato de que Augusto de Lima contrariou os dogmas católicos-romanos do seu tempo. Ele denunciou os horrores da Inquisição do Vaticano e mencionou em seus poemas hereges a idéia da reencarnação. Mas outra fonte do seu atual esquecimento pode estar, simplesmente, na dificuldade que a cultura brasileira ainda tem de valorizar plenamente a sabedoria eterna.

No poema “Pelo Espaço”, por exemplo, Augusto de Lima escreveu:

*“Eu disse ao pensamento: ‘Águia divina,
leva-me além...’ E além, subitamente,
pelo sidéreo espaço transparente,
arreatou-me a força peregrina.*

*Durante eras sem fim, foi minha sina
errar pelo infinito, tendo em frente
novos sóis, novos mundos, nova gente,
orbes nascentes e orbes em ruína.*

*Cheio de tédio, ao Pensamento disse:
‘Fora feliz se agora conseguisse
tocar a meta da região etérea.’*

*E mais rápido fui arrebatado...
Percorri, perscrutei o Ilimitado,
Mas não tinha saído da Matéria.” [1]*

Outro excelente poema seu, “Nostalgia Panteísta”, pode ser localizado em www.filosofiaesoterica.com. Como fazer isso? Uma vez neste site, basta clicar em “Lista de Textos Por Autor” e em seguida em “Augusto de Lima”. Aparecerá o título do poema, que deve ser clicado.

O poeta tinha coragem suficiente para questionar pioneiramente os dogmas religiosos, nas primeiras décadas do século vinte. Ele denuncia no poema “O Inquisidor” os horrores da perseguição dos “hereges” pela igreja de Roma:

*“O grande Inquisidor escreve à luz de um círio:
corre de seu tinteiro o sangue do martírio.
Súbito, uma mulher acerca-se da mesa
e prostra-se: ‘Senhor! um dia a natureza
bradará por meu filho, a vítima inocente,
que amanhã vai ser posta à morte iniquamente!
Da sentença riscai, com generoso traço,*

*o confisco, o pregão, o anátema e o baraço;
e mandai demolir a forca que abre a cova
à decrepita mãe, à esposa ainda nova,
e a três filhos, Senhor, entes que Cristo adora!*

*A maldição não tisna, é certo, a luz da aurora,
e nem pode manchar a fronte encanecida,
que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
Como Xerxes punindo o mar com ferro em brasa,
em vão buscais cortar a inacessível asa
do pensamento: – o ideal é um lícido oceano
e uma invencível águia o pensamento humano;
mas, se preciso for, em nome dele abjuro
a razão, a ciência, os astros, o futuro.’*

*Fez-se solene pausa; e com acento triste
fala o grande juiz: ‘Pois bem! mulher, feriste
a fibra paternal do Inquisidor austero;
volta tranqüila ao lar, pois choraste, e não quero
espalhem os clarins da vil maledicência
que a justiça de Deus mais pode que a clemência.
Acolhi teu clamor humilde e o vão perdão,
vai na paz de Jesus, por Ele te abençoô;
quanto a teu filho amado, ileso das mais penas,
há de ser, para exemplo, esquartejado apenas’.” [2]*

Gradualmente, traremos a estas páginas e ao website www.filosofiaesoterica.com outros poemas filosóficos de Augusto de Lima.

NOTAS:

[1] “Pelo Espaço”, em “Poesias”, Augusto de Lima, Editora H. Garnier, Rio de Janeiro / Paris, 1909, 300 pp., ver p. 145. A ortografia foi atualizada.

[2] “Poesias”, Augusto de Lima, Editora H. Garnier, Rio de Janeiro / Paris, 1909, 300 pp., ver pp. 21-22. A ortografia foi atualizada.

O Que é Melhor: Justiça, ou Compaixão?

O Pensador Robert Crosbie
Explica a Arte de Agir Corretamente

Na primeira década do século 21, é comum ver cidadãos protegerem o erro e a falsidade em nome da compaixão, ou da misericórdia, e até acusarem aqueles que defendem a ética e a justiça de serem cruéis, arrogantes, ou autoritários. Ao mesmo tempo, vende-se a ilusão de que não é necessário aprender com os nossos erros: bastaria acreditar cegamente neste ou naquele Deus, Mestre ou ritual para ser salvos.

É possível deixar de lado a Justiça, fazendo uso apenas da Compaixão? É um dever deixar de lado a Ética, em nome da fraternidade? Na segunda década do século vinte, um teosofista inglês levantou uma questão sempre atual: será que a lei do Carma – segundo a qual “cada um deve colher o que plantou” – é uma lei impiedosa?

A questão acabou sendo submetida a Robert Crosbie (1849-1919), o fundador da Loja Unida de Teosofistas, e Crosbie escreveu à pessoa que fizera a consulta:

“Você pediu que eu comentasse as questões levantadas pelo nosso irmão inglês; mais especialmente, em relação ao “carma ser tão destituído de caridade como o Deus da Bíblia”. Mas ele está levando em conta que a Compaixão não é algo oposto à Justiça, e que a mais completa justiça é a mesma coisa que a mais completa compaixão? Alguns entendem que o significado da Compaixão é que há uma permissão para escapar dos resultados das más ações; mas isso não seria justiça, e tampouco seria misericordioso em relação a aqueles que foram atingidos pela má ação. Ele deve lembrar a definição de Carma: uma tendência do Universo, que nunca se desvia e não se dispersa, no sentido de restaurar o equilíbrio, e essa tendência opera incessantemente. O Carma é a lei intrínseca, e a sua operação deve, portanto, ser impessoal. Algumas pessoas poderiam considerar isso “impiedoso”, mas isso significaria que elas querem escapar de conseqüências que são desagradáveis.”

E ainda:

“Há apenas duas maneiras de olhar para esta questão: ou o Universo é governado pela Lei e sob a Lei, ou então tudo é um Caos. Em cada aspecto da Natureza, nossa experiência aponta para o fato de que a Lei reina em toda parte; tudo o que acontece, em qualquer lugar, acontece sob a Lei. O nosso controle dos elementos, o nosso uso dos materiais na Natureza só é possível porque a mesma coisa pode ser feita quando as mesmas condições estão presentes. Tendo descoberto algumas das leis da eletricidade, por exemplo, podemos dirigir aquele fluido ou força, e usá-lo para muitos propósitos diferentes.”

A Teosofia ensina, e a simples observação confirma, que a mesma Lei dirige os vários níveis da vida e da realidade.

Crosbie prossegue:

“Assim como a Lei reina no mundo material, também podemos ver que ela também governa no mundo mental e no mundo moral. A palavra “Carma” significa simplesmente “ação” e a sua conseqüente “re-ação”. Não há Carma, a menos que haja um *ser* para criá-lo e para sentir seus efeitos; efeitos desagradáveis indicam causas que produziram algo desagradável no mundo, afetando outros, e encontrando a restauração do equilíbrio no ponto de perturbação. Portanto, só pode haver uma consideração, e essa consideração é – Justiça. Por que motivo iríamos desejar que fosse feita alguma coisa, exceto Justiça?”

Disso surge uma atitude de confiança na vida e na lei universal. Uma relação casuística com a vida, pela qual queremos tirar vantagem e fugir, com vários tipos de manipulação consciente ou inconsciente, do que nos parece desagradável, é grande fonte de medo e insegurança. A confiança surge de ter como meta pessoal a compreensão da Lei e a cooperação com ela.

Em seguida, na mesma Carta, Robert Crosbie aborda a questão do plantio e da colheita:

“A Bíblia diz, ‘O que um homem planta, *isso* ele também colherá’, e ‘Não resista ao mal e ele fugirá de você’. O que é o ‘mal’, exceto a colheita dos efeitos do erro cometido? Se nós tentamos evitar a restauração do equilíbrio, o mal não fugirá de nós, mas aparecerá outra vez. Mas se nós aceitamos tudo como justo e correto, então o ‘mal’ desaparece. Não devemos aplicar a idéia de Carma apenas ao que chamamos de bem e mal na vida física. A Terra gira em sua órbita, levada cada vez mais pelo Sol em sua própria órbita maior; ela envelhece ao longo dos ciclos; ela muda de aparência, e entra em estados materiais que sequer sonhamos. Esse é o Carma da Terra. Cedo ou tarde, enquanto ainda gira em sua órbita, o nosso planeta alterará lentamente a posição dos seus pólos e levará a faixa fria de gelo para onde agora estão as cenas de verão – esse é o Carma da Terra e dos seus habitantes. Como, então, a ação do Carma será restringida em relação aos detalhes de uma vida, ou como se pode julgar o Carma com base nisso? Eu deveria dizer que o Carma é a *própria* *Compaixão*, porque não sei de nada que possa evitar que eu ou qualquer outro obtenha o que é seu de acordo com a lei, que é exata e não erra.” [1]

NOTA:

[1] “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Company, Los Angeles, 416 pp., 1945, ver pp. 20-31.

O Ponto de Mutação

A Mudança Planetária Está Acelerando

A preparação de uma possível crise ecológica global aumenta a sua velocidade. Um informe científico divulgado dia 03 de outubro pela rede de televisão CNN Internacional revela que entre 2005 e 2007 o processo de degelo na região do Ártico sofreu um novo e agudo processo de aceleração. Pesquisadores dizem que pode ter sido ultrapassado um “ponto de não-retorno” em uma mudança climática radical. Enquanto isso, o número de furacões, tufões e tremores de terra aumenta significativamente em várias regiões do planeta, acompanhando o crescimento da poluição ambiental e do desmatamento.

Para entender melhor o contexto destes diferentes desafios – e o que há em comum entre todos eles – examine os três textos “**A Chegada do Novo Ciclo**”, “**Al Gore e a Tradição Esotérica**” e “**Uma Dura Transição Até 2020**”. Eles fazem parte da seção de **Meio Ambiente e Ecologia Profunda** do website www.filosofiaesoterica.com.

Pensamentos Para Meditar

W. Q. Judge e o Caminho do Conhecimento

Existe em língua inglesa um livro que reúne textos breves escritos por William Q. Judge (1851-1896). Trata-se de “Letters That Have Helped Me”, uma coletânea de cartas, pensamentos e fragmentos diversos.

A obra tem grande valor para os que se interessam pelo aprendizado esotérico e vivencial da filosofia teosófica. Seus parágrafos podem ser lidos e relidos meditativamente, “até que as idéias fiquem gravadas na alma”, como escreveu Platão ao se referir ao estudo da sabedoria eterna, em seu diálogo “Fedro” [trecho 276].

A seguir, alguns pensamentos traduzidos de “Letters That Have Helped Me”. [1] Ao final de cada citação, indicamos a página da edição da Theosophy Company.

* Ninguém pode realmente ajudar você. Ninguém pode abrir as suas portas. Você as fechou à chave, e só você pode abri-las. (p. 2)

* Não há autoridades em Teosofia, exceto a autoridade que cada um por si mesmo decide aceitar. (p. 167)

* Nenhum esforço, por menor que seja, jamais ocorre em vão; e, sabendo disso, cada um pode ‘tentar, e manter-se sempre tentando’. (p. 167)

* ... Como você sabe, todos os nossos problemas surgem de nós mesmos, por mais que eles possam parecer que vêm de fora; todos nós somos partes do grande todo único, e se você tentar concentrar a sua mente neste fato, e lembrar que aquelas coisas que parecem perturbar você são, na verdade, resultado da sua própria maneira de olhar o mundo e a vida, você provavelmente terá mais contentamento em sua mente. É a sua mente que deve vigiar, e não as circunstâncias nas quais está colocado. Outros já estiveram em circunstâncias piores do que as que você pensa que o rodeiam, e não ficaram tão perturbados... (p. 176)

* Quando paramos para pensar, avaliar e considerar qual é o nosso dever, ou qual, entre muitos deveres, deve ser cumprido primeiro, ficamos realmente perplexos e é difícil saber *o que* fazer. Mas se você fizer apenas o que está diante de você, sem pensar em todas as outras coisas, e sem perturbar a sua mente com todas as coisas que não consegue fazer, então será diferente, e tudo ficará mais claro para você. (p. 177)

NOTA:

[1] “Letters That Have Helped Me”, William Judge, Theosophy Company, Los Angeles, 1946, 300 pp.

Um Trecho da Obra “Dhammapada” A Sabedoria Milenar de Buddha

1. Melhor que um discurso de mil palavras vazias, é uma só frase carregada de significado que, ao ser ouvida, provoca um sentimento de paz.

2. Melhor que um poema de mil versos com sons vazios, é uma só estrofe que, ao ser ouvida, provoca um sentimento de paz.

3. Melhor que recitar cem versos de palavras vazias, é repetir uma só estrofe que, ao ser ouvida, provoca um sentimento de paz.

4. Melhor que um homem que vence em batalhas mil vezes mil homens, é aquele que vence a si mesmo. Ele é, na realidade, o maior dos guerreiros.

5-6. A vitória sobre si mesmo é de fato maior que a vitória sobre os outros. Nem Brahma, nem Mara, e tampouco um deva (um deus) ou um gandharva (músico celestial), nenhum deles pode transformar em derrota a vitória de alguém que sempre pratica o auto-controle.

